

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

### ENSAIOS POÉTICOS-ESCRITURAIS: IMAGINAÇÃO E FICÇÕES POLÍTICAS

Organizadoras:  
Damiana Bregalda<sup>1</sup>  
Paola Marugán<sup>2</sup>

A branquitude enquanto programa do sistema mundo moderno colonial constitui o sujeito a partir de duas atividades principais do conhecimento racional: a distinção e a separabilidade. As consequências deste modelo se fazem sentir nos processos de hierarquização racial, sexual e na distinção entre humanos e não humanos, objetificando e submetendo vidas. O desafio é pensar de que maneira podemos produzir diferenças a partir de outros referenciais, visando imaginar uma ética-estética e epistemologia que tencionem este programa. Friccionando o marco do pensamento moderno, qual seria o lugar da escrita para imaginar outras ficções políticas? De que maneiras performar o conhecimento poético levando-o além do pensamento analítico?

Este dossiê apresenta práticas artísticas e escriturais que integraram o Simpósio “Ensaio poéticos-escriturais: a imaginação na construção de ficções políticas, feministas, antirracistas e anticoloniais”, parte das Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana - XIV JALLA México 2020, “Mundos animales, mundos vegetales, cuerpos y ánimas en la Tierra”. As autoras são provenientes de diferentes países da América Latina (Brasil, Argentina, México) e sul da Europa (Espanha) e de diferentes campos disciplinares, como a literatura, arte sonora, sociologia, artes visuais, cinema, performance,

---

<sup>1</sup> Doutora em artes no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Antropologia Social no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Av. São Francisco Xavier, 524 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20550-900. E-mail: [damianabregalda@gmail.com](mailto:damianabregalda@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8090-272X> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2825289300232327>. Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Feministas na Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco (UAM-X). Endereço institucional: Calzada del Hueso, 1100. Coapa, Villa Quietud, Coyoacán, CDMX. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0767-1988> ; Email: [paolamarugan@gmail.com](mailto:paolamarugan@gmail.com) Cidade do México, México.

antropologia, filosofia e estudos feministas, compondo uma publicação a partir da diversidade de contextos e saberes com que cada uma contribui. Os trabalhos estão dedicados a sentipensar diferentes modos de existir (étnicos-raciais, sexuais e de gênero, animal e vegetal), através de formatos artísticos, poéticos, escriturais e espirituais variados.

A chamada do simpósio enfatizava o desafio de tensionar modelos hegemônicos de elaboração e partilha de conhecimento fundamentados na colonialidade do saber<sup>3</sup>. Daí que uma das principais questões era defrontar o desafio de sentipensar<sup>4</sup> maneiras de performar o conhecimento poético levando-o além do pensamento analítico, a partir de nossas práticas enquanto pesquisadorxs, artistas, ativistas, educadorxs. A relação corpo-espço, a produção de presença e a dimensão afetiva, o transbordar de fronteiras disciplinares e do ordenamento territorial foram eixos estruturais da proposta inicial deste simpósio. Convocamos xs participantes a apresentarem seus processos de pesquisa a partir de deslocamentos do espaço tradicional da produção de escrita e leitura acadêmica convencional, da presença dos corpos em sala de aula ou mesmo na universidade, imaginando outras proposições de fala e escuta.

Diante do comunicado que as Jornadas seriam realizadas em formato virtual, por conta da interrupção do fluxo de nossas vidas SARS-CoV-2, sentimos que o desejo e interesse de tensionar o formato convencional de apresentações pareceu à priori encerrar-se em modelo ainda mais limitante e excludente. Como estratégia que buscasse atravessar tais barreiras, nós, coordenadoras do Simpósio, lançamos a proposição ao grupo de realizarmos o que chamamos de jornadas-processo. Estas implicaram na realização de uma série de encontros virtuais prévios às datas oficiais das jornadas com o objetivo de criar vínculos e produzir um espaço de maior intimidade entre xs participantes. O convite para os encontros foi acompanhado de algumas questões como pontos de partida para possíveis debates e construções: como conceber o encontro virtual não em termos de perda, mas de produção coletiva de outras possibilidades de estarmos juntxs? Em que medida o contexto da pandemia agregou sentidos e desafios ao chamado do simpósio e afetou as propostas individuais iniciais? Quais os formatos possíveis de apresentação dos

---

<sup>3</sup> Segundo o sociólogo Aníbal Quijano, a modernidade legitimou um modelo único de conhecimento (autoproclamado neutro e universal) e essa fórmula mundializada de poder-saber subalternizou outras epistemes.

<sup>4</sup> O conceito de sentipensar emerge desde as epistemologias originárias do território da Abya Yala, tensionando a dicotomia entre razão e emoção nos processos cognitivos oriundos do ocidente.

trabalhos com as ferramentas que dispomos desde onde estamos? Quais as nossas ferramentas para as jornadas?

Apesar da hiperprodução de *lives*, chamadas virtuais para atividades durante os primeiros meses de isolamento, nos surpreendemos com o entusiasmo das pessoas em participarem de mais um encontro virtual. Suspeitamos que este interesse se deu em grande medida pela expectativa prévia do encontro presencial entre pessoas conhecidas e desconhecidas na Cidade do México. Diferentes motivações levaram as participantes a apresentarem suas pesquisas nestas Jornadas, inclusive criando vínculos e dialogando com produções e elementos da cultura mexicana. A dimensão do desejo foi tão grande que nos levou a iniciar o nosso processo com a proposição de uma viagem imaginária coletiva evocando imagens dos repertórios próprios a cada umx acerca do México.

Neste primeiro encontro, Cristina Fangmann compartilhou o sonho de conhecer o México e encontrar pesquisadoras amigas de outros trajetos. Ana Emerich projetava desenvolver sua pesquisa sobre o fluxo das águas dos mananciais da cidade, concretamente de La Quebradora na colônia de Zacatepec e em diálogo com o poema “Piedra de Sol” de Octavio Paz. Damiana Bregalda compartilhou sobre seu desejo de viajar ao México também para seguir o caminho de sua pesquisa sobre a planta que tem seu nome e é bastante popular em algumas áreas do país, além de ter sido usada ritualmente entre povos originários daquele território. A partir da figura da Papa-Goiaba, Nathália Mello evocou a goiabeira, o pé-de-feijão, o feijão, o café e o açúcar num avanço-recuo de seu processo criativo e de produção de subjetividade de uma presença impura. Ela nos desafiou com a questão: “Como pode a terra falar? Contra a ideia de que a terra é inerte. Como escutar esta luta participatória?”. Geni Nuñez nos trouxe a referência do milho (*avaxi* entre os guarani) como metáfora para refletir sobre colonialidade e branquitude enquanto imposição destrutiva da multiplicidade existencial dos milhos, quando reduzidos à monocultura do milho de uma só cor. Multiplicando as sonoridades, quebrando a rigidez das línguas de nossas comunicações e trazendo um bálsamo para nossos corpos pixelados, Geni se apresentou através de um canto guarani. Na floresta de nossas terras de encontros, Maria Luisa Camargo nos trouxe o pé de jasmim junto aos poemas de Audre Lorde e Celerina Sánchez, da região Mixteca de Oaxaca, México. A poesia dessas autoras é trazida como processos de autorreconhecimento e de cura das dores de um corpo-território marcado pelas divisões coloniais ainda presentes.

Nos dias prévios ao encontro, Paola Marugán ritualizou a morte de suas plantas na culminação de um processo de doença que começou em dezembro de 2019, coincidindo o primeiro óbito pelo SARS-CoV-2 na China com a primeira morte de uma de suas plantas companheiras. Esse processo de doença-morte-desaparecimento aconteceu por conta de uma visita inesperada de um grupo de formigas que convidaram a si mesmas para dividir a morada. Apesar das diversas tentativas de cura, a pequena floresta se foi para sempre. Na continuidade das relações interespecies, Cecília Cavalieri compartilhou sua pesquisa com o leite de diversas fêmeas, aliançando-se com elas em resistência à instrumentalização dos corpos com tetas. Através de mitos de origem das constelações, Cecília costurou as conexões entre língua e leite, nos revelando que a “a Via Láctea de uns é a Via Crucis de outros”. A metáfora deste primeiro encontro poderia ser lida a partir da pesquisa de Daniela Sandoval sobre a região de Nepantlal de Gloria Anzaldúa enquanto espaço ocupado por feministas “deslenguadas” e transfronteiriças que transitam entre as poéticas artísticas e a escritura política.

E-mail encaminhado pelas coordenadoras do Simpósio relatando o primeiro encontro das jornadas-processo. 5 junho de 2020.

*Estimadas colegas,*

*Nos sentimos gratas pelas trocas deste primeiro encontro. Achamos que foi muito precioso e inspirador poder estar juntas e sentir a proximidade dos corpos, por meio da materialidade das palavras e do exercício de imaginação nesse cosmo-círculo que foi criado. Estamos juntas e não estamos sós: trazemos conosco outras mulheres que nos inspiram, rios, matas, plantas (jasmims, goiabeiras, pés de feijão, milho, damianas), o gosto do café, do açúcar, cantos, o ar, formigas e fêmeas de outras espécies e uma via láctea inteira.*

*Para nós, a defesa da imaginação, nas práticas artísticas e escriturais (nesses cruzamentos liminares), significa criar horizontes de esperança para transformar as nossas próprias vidas aqui e agora. Esse é o chamado deste simpósio e estamos felizes porque todas as contribuições desafiam as maneiras de contar o mundo por meio da criação de ficções estético-políticas. Pois como Ailton Krenak diz e nós escolhemos, “adiar o fim do mundo para poder contar mais uma história”.*

(...)

*Que as forças do desejo continuem nos empolgando a estarmos juntas.*

*Paola & Damiana*

No processo de partilha de três encontros (entre junho e julho de 2020) fomos gerando vínculos e criando espaço de confiança para troca de nossas inquietações enquanto pesquisadoras. Também foi um momento de compartilhar as situações e transformações sociais e políticas dos territórios onde nos encontrávamos acentuadas pelo SARS-CoV-2, as nossas preocupações com relação aos sistemas de saúde locais, enfraquecidos no decorrer dos últimos anos de políticas neoliberais radicais no Brasil e na Abya Yala e com os processos psicológicos derivados do isolamento social. Conseguimos verbalizar nossos medos (da morte e adoecimento diante do vírus) e parar para sentir o cansaço de nossos corpos diante da precariedade das condições de nossas vidas: lidamos com a ausência de algumas participantes que não dispunham de acesso à internet, com a sobrecarga das tarefas relacionadas ao cuidado familiar e da casa e o deslocamento das demais atividades profissionais para o âmbito doméstico.

Esta caminhada que fizemos criou um vínculo que nos permitiu chegarmos juntas às Jornadas. E nos faz perguntar: qual o significado de chegarmos juntas? As jornadas-processo se constituíram em um contra-espço desafiador das lógicas produtivistas. Mesmo cientes dos possíveis privilégios atuantes de modos distintos em todas nós (entendemos que o fato de participar de um encontro acadêmico e virtual já é em si um privilégio), o contexto atual reafirma a violência das obrigatoriedades de papéis sociais vinculados às mulheres, enquanto reprodutoras e cuidadoras da vida e da manutenção da máquina APESAR DE TUDO. Neste sentido, entendemos que o desejo de estar junto transgrediu as lógicas de nossos cotidianos, assim como do sistema que tenta capturar o saber, quantificando os processos de aprendizado através de meios como os de certificações de participação em eventos. Isso para nós, é um gesto-político contra-capitalístico que estava no coração de nosso chamado. Este gesto se amplia e materializa na criação de um corpo coletivo de vozes proposto pela artista Ana Emerich. Através da produção de um arquivo, as sonoridades das águas do rio Carioca se mesclam a nossas vozes e sua multiplicidade de línguas, sotaques e tonalidades, criando texturas em um tecido sonoro que adensa as camadas de significação do poema “Piedra de Sol” de Octavio Paz.

Este foi o contexto que recepcionou a diversidade de vozes trazidas tanto nos dias das Jornadas quanto nos textos que são apresentados neste dossiê. O corpo coletivo criado durante o processo dos encontros se apresenta enquanto corpo vivo em transformação na medida em que por ele circulam pessoas, ideias e outras materialidades vivas. Estas variações da coletividade se fazem notar nos diferentes momentos em que este corpo se agrega: nos encontros prévios; nos dias das Jornadas e nesta publicação. Dentre as vozes ausentes neste dossiê estão as de Márcia Paraquett, Fernanda Moraga, Silvina Carrizo e Vinícios Ribeiro. A primeira provocou um diálogo intergeracional entre as participantes e ouvintes nas Jornadas, desvelando transformações históricas das práticas feministas teórico-políticas no Brasil e na Abya Yala. Suas contribuições alimentaram nosso corpo coletivo com múltiplas perspectivas de relação dos feminismos com os movimentos sociais, com a maternidade e com pautas antirracistas, conhecimentos todos baseados em sua longa trajetória de atuação. Também na direção de refletir sobre experiências antirracistas na Abya Yala, Fernanda Moraga situou as práticas artísticas, políticas e éticas da diáspora Mapuche em ambientes urbanos no Chile. Fruto da violência colonial que expulsa os povos originários de suas terras e segue segregando as comunidades racializadas e seus saberes, as poéticas visuais compartilhadas por Fernanda enunciaram práticas que se assumem contaminadas, mescladas e/ou mestiças, mas nem por isso menos mapuche. Estas subjetividades são referidas como experiências “*champurria*”. Na continuidade das vozes poéticas de mulheres da Abya Yala, a pesquisadora Silvina Carrizo evocou a produção poe-política de Eliane Potiguara e Liliane Ancalao. Ambas as autoras conceberam a criação poética enquanto um espaço de disputa de sentidos e significados do que a vida é e das formas de vivê-la, localizando suas existências e a própria escritura enquanto parte de um contexto social, político e econômico. Através da análise do filme “Pesadelo Perfumado” do cineasta Filipino Kidlat Tahimik, Vinícios Ribeiro apresenta uma crítica à “colonização para além dos territórios físicos, mas abarcando o imaginário, as mentalidades e os processos de subjetivação”.

Através do vídeo “Vermes e voos” (apresentado nas Jornadas) e do texto aqui presente, Aline Dias e Julia Amaral discutem a relação entre a exploração da natureza como correlata à exploração fruto da organização sexual do trabalho. Numa poética atenta às vidas que emergem no espaço doméstico (larvas, vermes, mofos, insetos), as artistas nos instigam a enxergar outras vidas que pulsam em nosso entorno, questionando o impulso humano destruidor de espécies concebidas como indesejadas. Nos seus trabalhos,

o feminismo se expande na direção de uma práxis não antropocêntrica. Esta proposição também é defendida por Geni Nuñez e Natanael Vilharva no texto apresentado neste dossiê a partir da ideia de uma parentalidade estendida. Desde a perspectiva Guarani partilhada com outras cosmovisões originárias, a noção de parentesco abrange não apenas humanos, mas também os corpos-almas animais, vegetais, minerais. Tal concepção tensiona pilares estruturantes da branquitude como as distinções entre natureza x cultura, corpo x alma, branco x racializado, homem x mulher num processo de objetificação, desumanização, exploração e dominação colonial iniciado há 500 anos e ainda atualizado. A herança iluminista do contrato social roussauniano colocou a propriedade privada no centro da ideia de cidadania, fissurando o parentesco entre pessoas e a terra e violentando as vidas apartadas do privilégio do que seria humanidade.

Desejamos que este dossiê tenha a potência de convocar as materialidades vivas deste planeta para continuarmos na construção de corpos coletivos vivos, em movimento e transformação e que desperte a imaginação política, artística e vital necessárias na luta para a derrocada urgente das lógicas ainda coloniais de produção de morte.

Damiana Bregalda  
Paola Marugán